

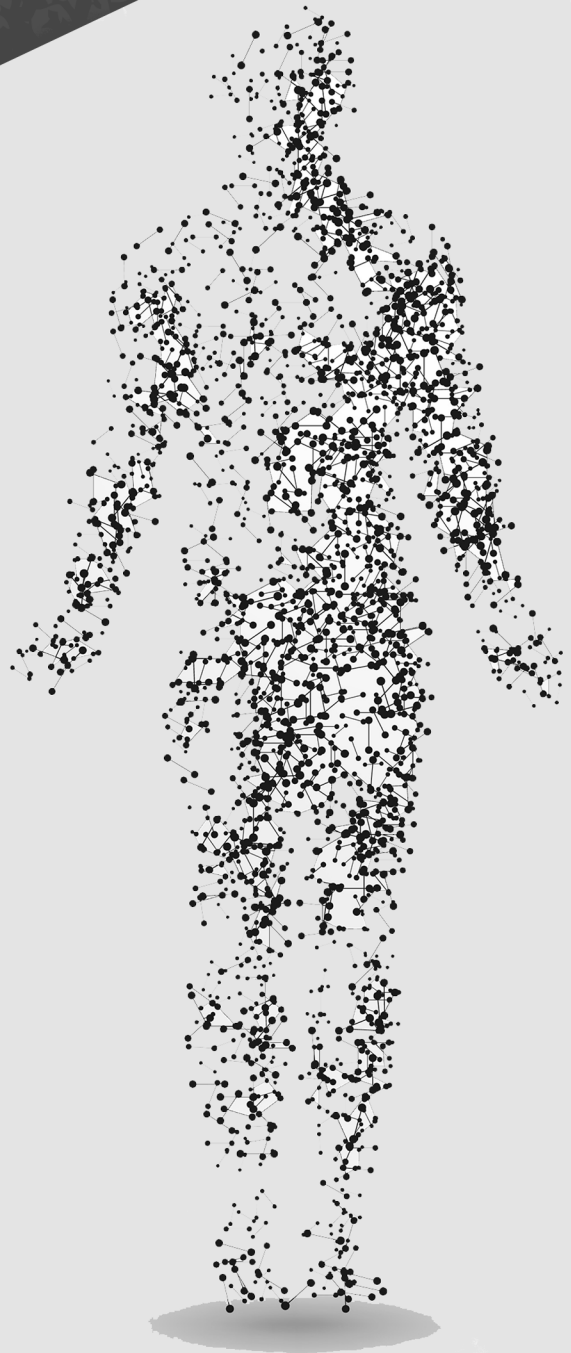
# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	<p>As ciências humanas como protagonistas no mundo atual [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-057-5            DOI 10.22533/at.ed.575202205</p> <p>1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Tecnologias.            I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e seis capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Ciência Humanas reconhecendo seu papel histórico, presente e futuro no desenvolvimento da sociedade a partir de conceitos e práticas delineadas e justapostas como ferramentas para compreender o mundo globalizado a partir de investigações que possam transformá-lo.

Nos dez primeiros capítulos da Coletânea, os autores e autoras tecem considerações importantes sobre as narrativas, memórias, autobiografias e identidades em diferentes contextos educacionais, perfazendo trajetórias metodológicas para a formação docente e discente seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Tais reflexões revelam o potencial crescente dos estudos envolvendo os percursos identitários no bojo das Ciências Humanas e demais desdobramentos na formação docente.

Os capítulos 11, 12 e 13 apresentam fecundas considerações envolvendo a temática ambiental e sustentabilidade, tendo como plano de fundo os debates inerentes à Educação Ambiental e outras práticas no âmbito da Educação Básica.

O capítulo 14 analisa as cartas trocadas entre D. Pedro I e a Condessa de Belmonte, desvelando uma parte da história do país. Já nos capítulos 15 e 16 os autores analisam respectivamente as competências socioemocionais no desenvolvimento humano e o Ensino Religioso no estado do Amazonas através de uma concepção filosófica-histórica-crítica.

Na sequência os capítulos 17, 18 e 19 apresentam respectivamente, um debate sobre atos de violência e inclusão escolar, a gênese do desenvolvimento da criança e a difusão diagnóstica do TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na infância tem sido um fenômeno do contemporâneo.

O capítulo 20 apresenta-se uma importante trajetória de Simone de Beauvoir como resistência, buscando compreender o ser mulher frente ao contexto social. Nos capítulos 21 e 22, os pesquisadores tecem considerações sobre as disputas do Positivismo e da Dialética na Sociologia Alemã e sobre o desenvolvimento humano a partir de uma leitura sócio-histórica.

No capítulo 23, o autor apresenta uma fecunda leitura sobre os atributos relevantes para a formação de um pesquisador em Ciências Humanas. Enquanto no capítulo 24, nota-se uma análise sobre a formação continuada de professores da

Educação Infantil a partir dos paradigmas da Pedagogia Crítica.

Por fim, os capítulos 25 e 26 tecem considerações sobre a formação continuada de professores em EAD e a inclusão digital na Terceira Idade.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão das Ciências Humanas como protagonistas no mundo atual; transformando as realidades, ensinando com criticidade, derrubando muros e barreiras com coerência metodológica e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo futuro comum.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO”: DA ENTREVISTA NARRATIVA A PESQUISA NARRATIVA	
Assicleide da Silva Brito Maria Luiza de Araújo Gastal	
DOI 10.22533/at.ed.5752022051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
EM LINHAS NARRATIVAS: A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES INICIANTES	
Rozilene de Moraes Sousa Ivete Cevallos	
DOI 10.22533/at.ed.5752022052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
AUTOBIOGRAFIA NA SOCIOEDUCAÇÃO: AUTOCONFRONTAÇÃO PARA ATIVAÇÃO DE VALORES E RESSIGNIFICAÇÃO DE PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES RESTRITOS DE LIBERDADE	
Luiz Nolasco de Rezende Junior Claudia Pato	
DOI 10.22533/at.ed.5752022053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
O MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO E O USO DOS BIOGRAMAS PARA A COMPREENSÃO DAS TRAJETÓRIAS DOCENTES NA ENGENHARIA BIOMÉDICA	
Alessandra de Cássia Grilo Maria Angela Boccara de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.5752022054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
PROFESSORA CLEO: VIDA, PERCURSOS, PERCALÇOS E VITÓRIAS	
Maria das Graças Campos Cleonice Terezinha Fernandes José Serafim Bertoloto	
DOI 10.22533/at.ed.5752022055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, O SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	
Sandiara Daíse Rosanelli Tamara Conti Machado Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.5752022056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
ROTAS DE UM BARCO À DERIVA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS À PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA	
Elaine Pedreira Rabinovich Cinthia Barreto Santos Souza Eliana Sales Brito Maria Angélica Vitoriano da Silva Rita da Cruz Amorim Sumaia Midlej Pimentel Sá	
DOI 10.22533/at.ed.5752022057	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
DE VOLTA AO MEU MUNDO DE ORIGEM	
<a href="#">Maria Geni Pereira Bilio</a> <a href="#">Maria das Graças Campos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5752022058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
HISTÓRIA FAMILIAR DE DUAS IRMÃS: TEMPO & ESPAÇO E O ETERNO (RE)COMEÇO	
<a href="#">Elaine Pedreira Rabinovich</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5752022059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL DOS ACADÊMICOS	
<a href="#">Janaína Vieira Eduardo</a> <a href="#">Kátia Maria Pacheco Saraiva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>127</b>
A PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A FORMAÇÃO DE VALORES E A ÉTICA DO CUIDADO NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Tereza Joelma Barbosa Almeida</a> <a href="#">Ana Sueli Teixeira de Pinho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DESAFIO INTERDISCIPLINAR	
<a href="#">Gustavo Henrique Cepolini Ferreira</a> <a href="#">Eliana Izabel da Silva Cepolini</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
ROBÓTICA SUSTENTÁVEL: UMA VISÃO DE SUSTENTABILIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA AMAZÔNIA EM ATIVIDADES DE ROBÓTICA EDUCACIONAL	
<a href="#">Angel Pena Galvão</a> <a href="#">Luiz Fernando Reinoso</a> <a href="#">João Lucio de Souza Junior</a> <a href="#">Edinelson Luis Sousa Junior</a> <a href="#">Manoel Sarmanho Neto</a> <a href="#">Eduardo José Caldeira Tavares</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>163</b>
A CONFIANÇA DEPOSITADA EM DADAMA : UMA ANÁLISE A PARTIR DE CARTAS TROCADAS ENTRE D. PEDRO I E MARIANA CARLOTA DE VERNA	
<a href="#">Gilmara Rodrigues da Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO CONTEXTO DO MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	
<a href="#">Francisco Ariclene Oliveira</a>	

Guilherme Irffi  
Luciano Lima Correia  
Liu Man Ying  
Ana Cristina Lindsay  
Márcia Maria Tavares Machado  
**DOI 10.22533/at.ed.57520220515**

**CAPÍTULO 16 ..... 186**

ENSINO RELIGIOSO NO AMAZONAS UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Francisco Sales Bastos Palheta

**DOI 10.22533/at.ed.57520220516**

**CAPÍTULO 17 ..... 201**

COMPREENSÃO DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS ATOS DE VIOLÊNCIA EM UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO ESCOLAR

Magdalânia Cauby França

**DOI 10.22533/at.ed.57520220517**

**CAPÍTULO 18 ..... 213**

A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: OPERAÇÕES COM SIGNOS E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

**DOI 10.22533/at.ed.57520220518**

**CAPÍTULO 19 ..... 228**

UM PERCURSO DA DIFUSÃO DIAGNÓSTICA DO TDAH - A NOVA FACE DO MAL – ESTAR INFANTIL NO CONTEMPORÂNEO?

Luciane Martins Alfradique

**DOI 10.22533/at.ed.57520220519**

**CAPÍTULO 20 ..... 241**

SIMONE DE BEAUVOIR: RESISTIR PARA SUBVERTER

Simone Sanches Vicente Morais

Henrique de Oliveira Lee

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Lucy Azevedo

Soraya do Lago Albuquerque

**DOI 10.22533/at.ed.57520220520**

**CAPÍTULO 21 ..... 253**

A DISPUTA DO POSITIVISMO E DA DIALÉTICA NA SOCIOLOGIA ALEMÃ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

**DOI 10.22533/at.ed.57520220521**

**CAPÍTULO 22 ..... 266**

DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

Vania Severino

**DOI 10.22533/at.ed.57520220522**

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>278</b>
A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EM CIÊNCIAS HUMANAS: UMA VISÃO, HOJE	
<a href="#">Alessandro Carvalho Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220523</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>286</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENTES PARADIGMAS E A PEDAGOGIA CRÍTICA	
<a href="#">Maria de Jesus Assunção e Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220524</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>299</b>
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM	
<a href="#">Miguel Alfredo Orth</a>	
<a href="#">Claudia Escalante Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220525</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>315</b>
INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE	
<a href="#">Adelcio Machado dos Santos</a>	
<a href="#">Danilo Erhardt</a>	
<a href="#">Sandra Mara Bragagnolo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220526</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>324</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>325</b>

## PROFESSORA CLEO: VIDA, PERCURSOS, PERCALÇOS E VITÓRIAS

*Data de aceite: 15/05/2020*

**Maria das Graças Campos**

UNIC/IFMT/PPGE<sub>n</sub>

mdgcampos@uol.com.br

**Cleonice Terezinha Fernandes**

UNIC/IFMT/PPGE<sub>n</sub>

cleo\_terezinha@hotmail.com

**José Serafim Bertoloto**

UFMT e UNIC/IFMT/PPGE<sub>n</sub>

serafim.bertoloto@gmail.com

**RESUMO:** Este manuscrito trata-se de uma construção biográfica, abordando fatos pontuais da vida de Cleonice Terezinha Fernandes, mulher, professora, negra e autora de ascensão, por ser considerada uma professora que rompeu as barreiras e contextos que excluem, discriminam e afastam a pessoa de uma inserção social afirmativa. A história foi registrada a duas mãos, considerando um processo de mediação, uma vez que textos e vozes da depoente são entrelaçados para dar corpo à leitura da vida e da expressão cultural da protagonista. Partindo do pressuposto que a biografia permite a reflexão de si e dos fatos marcantes da vida, os estudos são desenvolvidos no sentido de averiguar os principais problemas que a Professora Cleonice enfrentou no campo dos estudos, na questão

profissional, compreendendo a infância e a juventude. Adotando também uma escrita compartilhada entre o narrador e a biografada, a pesquisa mostra um processo de relação que reafirma a experiência, compreendendo uma linha do tempo demarcada por percalços e por superação, quando a biografada é autora do seu registro biográfico, o qual é convalidado e confirmado frequentemente para que seja eleito como significativo. Nessa perspectiva, utilizam-se fontes orais e escritas, bem como documentais. A fotografia constitui um instrumento de condução das narrativas significantes para a vida de Cleonice. Os estudos compreendem o universo social de uma mulher negra que construiu com resiliência a sua trajetória dentro de um contexto adverso. **PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Leitura de vida. Resiliência. Racismo.

### 1 | INTRODUÇÃO

A história de vida de Cleonice Terezinha Fernandes, a professora Cleo, como é conhecida há quase 40 anos, pode ser inserida no contexto das mulheres que ocuparam lugares e posições que, costumeiramente, outras com vivências semelhantes não ocupariam e, possivelmente, estariam em

condição de invisibilidade. Ainda hoje as mulheres negras lutam para legitimar direitos e alcançar reparação quanto à dívida histórica que a sociedade brasileira acumulou ao longo do tempo para com os negros e negras, construtores da identidade cultural do Brasil.

Pode-se considerar, ainda, na sua trajetória, o perfil de expressiva resiliência na medida em que supera problemas, barreiras, sobretudo atitudinais, de uma sociedade tradicional, de base classista e racista, percalços inerentes à condição feminina, à negritude e principalmente, à sua posição social. Originária de família empobrecida, o pai exerceu as profissões de encanador, eletricista e pedreiro, durante anos em dupla jornada, conciliando com a condição de funcionário do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER); a mãe, por sua vez, sempre foi e ainda é, do lar. Ambos cursaram apenas o então ensino primário, sendo que apenas a mãe concluiu o quarto ano.

Cleonice herdou a tradição histórica do sofrimento dos seus antepassados, que vivenciaram o regime da escravidão no Brasil. Para Bosi (1994, p. 88), a lembrança

[...] é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, com ela nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

As lembranças construídas para seus entes queridos reforçam a identidade da memória.

A essência da cultura atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência e que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar que são resquícios de outras épocas. (BOSI, 1998, p. 88).

Essa herança é comprovada pelos documentos que fazem parte deste estudo, pertencentes ao seu tataravô, o Sr. Campolin de Sá Camargo, lavrador que recebeu como benefício<sup>1</sup> o terreno de propriedade do Visconde de Guarapuava\PR, o Senhor Antônio de Sá Camargo (1807-1896), onde viviam, numa rua homônima ao título do escravocrata paranaense.

No desenrolar do trabalho um ponto afirmativo foi possibilitado pela expressão

---

1. Há controvérsias nas histórias orais da família acerca do fato; há evidências de que talvez o terreno que originalmente era quase uma quadra inteira – Rua Visconde de Guarapuava 735, centro, Guarapuava\PR - tenha sido nos primórdios um quilombo urbano, onde vários entes da família moravam e seus descendentes ocupam até hoje; muito embora com o crescimento urbano da cidade, o avô de Cleo, “Seo Setembrino”, neto de Campolim, teria vendido para terceiros, boa parte desta área, inclusive onde hoje é edificado o prédio da Igreja Luterana da cidade. Importante lembrar que escravizados e afrodescendentes no Brasil do período pós abolição não tinham direito à posse da terra, aliás diz a história atual que a abolição da escravatura seria uma estratégia legalista para evitar a reforma agrária iminente na época, proposta por André Rebouças, abolicionista negro e engenheiro de grande prestígio, apoiado pelo político e também abolicionista Joaquim Nabuco (ALENCASTRO, 2018). O Brasil é o único país que indenizou o senhor de escravos, e não o escravizado, após o fim do período escravocrata.

oral e pelas escritas simultâneas entre a pesquisadora e a depoente para conceber a escrita de si. Esse processo é bem elucidado por Souza (2005, p. 3), ao afirmar que tais experiências remetem o sujeito a viver, como ator e autor, sua singularidade, bem como a investir em sua interioridade e em conhecimento de si, estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas na escrita.

Esses relatos foram construídos respeitando a dimensão humana da experiência, na medida em que se considera a vida uma possibilidade de reunir os argumentos, contemplando a amplitude dialógica, em estado contínuo de reflexão, com vistas à conceituação das narrativas e das escritas de si. Nesse sentido, optou-se por manter a autenticidade das falas e os comentários foram revisados, reconceituados e reinscritos, na busca da aproximação da memória individual e coletiva pelo olhar do sujeito, pois “a memória, não é neutra. Ao contrário do que pensavam os historiadores do passado, o fato histórico não é dado: o contexto em que o pesquisador se insere influi na forma como ele define e interpreta o fato histórico.” (ABREU, 1998, p. 16). Nessa mediação, a protagonista também escreve trechos que denotam as memórias da infância e de alguns fatos que compõem a adolescência e a profissionalização. Em outras palavras, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito.” (BOSI, 1998, p. 88).

## 2 | INFÂNCIA E RELATOS

Em uma noite de clima frio e chuvoso de 22 de agosto de 1964, nasce Cleonice, entre as quedas livres das águas e o barulho dos muitos rios: Jordão, Pinhão, Coutinho, Campo Real, das Mortes e outros que banham uma exuberante cidade erguida no centro-oeste do estado do Paraná. Trata-se de Guarapuava, lugar coberto ainda hoje por uma vegetação intensamente verde, erguida por frondosos pinheiros araucária. Ali foram edificadas casarios, escolas, clubes, igrejas e fábricas, convergindo as melhores instalações públicas e empresas exatamente no centro da cidade, onde a família construiu uma casa modesta.





Figura 1 – Cleonice celebrando um aninho em pose para o retratista da “Foto Elite”

Fonte: acervo familiar

Nesse mesmo lugar, nasceram quatro gerações da família negra, que, com dignidade e trabalho, edificaram uma morada modesta, porém aconchegante, cercada de macieira, parreiras de uvas, pereira, pitangueira, romãs e guabiobas, figueira, pessegueiro, ameixa, butiazeiro - uma palmeira típica da região - a exótica árvore de *uva do japão*, a favorita da menina Cleo. Havia, também, uma horta viçosa com couve em abundância, de folhas largas, que serviam para fazer comidinha na casinha de bonecas, *num puxadinho* anexo à parede de sua casa. Cleo recorda das plantas ornamentais, principalmente as hortênsias, muito zeladas pela avó Lady, uma verdadeira piscina de *mosquitinhos-flor*, onde brincava de atirar-se e depois, claro, levava boas broncas. Terreno firme, ou terreiro, como se fala em sua família, onde os pioneiros resistiram por muitos anos para que seus filhos e filhas pudessem viver experiências e saberes que foram passados de geração em geração.

Pode-se admitir que a resistência e luta da família Silva, do patriarca Setembrino, avô materno, neto de Campolim, foi transmitida para os filhos e filhas, como mecanismo educativo. É evidente, entre os integrantes mais antigos, a habilidade com o manejo da terra, além de ter competência como construtores de suas próprias casas, encanadores e eletricitas, destacando seu pai e avô materno nesses ofícios. Suas obras resistem até os nossos tempos. Na vida em comunidade, são arguidos da mediação, ao manter o convívio familiar e o sentido de construir e preservar as suas moradas e organizar o lazer, liderando o clube dos negros, de nome Clube Rio Branco<sup>2</sup>, fundado em 1919; cujo avô Setembrino, nascido em 1922,

2. “O Clube Rio Branco é um espaço de memória familiar de várias famílias de negros guarapuavanos, descen-

foi sócio remido e ligado à presidência do mesmo, durante muitos anos.

Quando Thompson (1998) associa costumes à educação e ao processo de transmissão do conhecimento, de informação e de técnicas, quando os jovens aprendem com adultos os afazeres e ofícios, ele considera também esses saberes frutos de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade.

Pensando em privilegiar esses saberes e as narrativas das pessoas que podem ficar à margem do reconhecimento social, Pollak (1989) enaltece a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias e a história oral, ressaltando a importância de memórias subterrâneas como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas.

Observa-se, também, que nos séculos antecedentes, o enfoque da história era essencialmente político e oficial. Pouca atenção merecia a vida das pessoas comuns e suas realizações, bem como a economia ou a religião, a não ser em tempos de crise, como a Reforma, a Guerra Civil Inglesa ou a Revolução Francesa. A respeito desse contexto, Thompson (1992, p. 23) assim afirma:

Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir... Onde quer que seja, muito pouco foi preservado dos inúmeros cartões postais, cartas, diários e outros registros do dia a dia de homens e mulheres da classe operária, ou documento de pequenos negócios, como lojas ou propriedades agrícolas de pequeno porte, por exemplo.

Na obra de Thompson (1998), *A voz do Passado*, o autor afirma a importância da história oral para registrar os fatos, as expressões do cotidiano, as cartas, os sentimentos e a memória, às vezes ignorada e esquecida a ponto de desaparecer no percurso da história. Na trajetória vivida por Cleonice, os sentimentos afloraram e a emoção latente é revelada quando lembra das conquistas e do deslocamento do lugar social de origem, que, possivelmente, a relegaria a viver em uma condição de exclusão. Daí a emoção no seu relato:

Em 2008 cheguei em Portugal no aeroporto, foi uma história lindíssima! Cheguei e eu tinha assistido um filme que eu vi com a Fernanda Torres que retratava o plano Collor e mostrava a Fernanda numa cena na torre de Belém e tinha ainda lá no Timor-Leste imaginado, e eu vou estar lá na torre de Belém, eu cheguei e veio aquela emoção, aquela coisa... eu me lembro o avião chegando e eu me beliscava não acreditava que era possível né? E quando eu cheguei ao aeroporto tinha uma equipe buscando que naquela época nós íamos em uma equipe de brasileiros, e a equipe da Universidade ia nos buscar, fizemos um curso modular que era um julho, era 40 dias, 50 dias era junho/julho e julho e agosto; e aí eu aquela emoção, aquela coisa eu disse: “não acredito que estou aqui!” para mim era espetacular,

---

dentes, ou não, de negros escravizados em Guarapuava. O Clube também foi espaço de conquista social e lazer para negros e brancos desde 28 de setembro de 1919, data da fundação. (...) O Clube Rio Branco surgiu a partir do Grêmio das Violetas, sociedade feminina de lavadeiras. Mas há divergências: segundo um dos ex-presidentes foi a partir do grêmio das Violetas que surgiu o Clube, inclusive com ajuda financeira proveniente do trabalho das lavadeiras. Já outras pesquisadoras afirmam que o Clube foi fundado na mesma data do Grêmio. E sobre o Grêmio há poucas informações e nenhum registro fotográfico conclusivo de atividades do mesmo. Há apenas informações que levam a acreditar que o Grêmio era coordenado por mulheres que lideravam algumas atividades ligadas ao Clube.” (FERNANDES, 2015, p.1).

e toda a viagem nós fomos de van pra Vila Real; Porto Vila Real, aquilo era um filme, uma novela, era uma coisa inacreditável, inacreditável! Foi inacreditável um filme me inspirou e esta memória vem como um fio me conduzindo aos fatos vividos no passado (A depoente, 2018).

Cleonice herdou a tradição histórica dos seus antepassados, que vivenciaram o regime da escravidão no Brasil. Essa herança é comprovada pelos documentos que fazem parte deste estudo, pertencentes ao seu tataravô.

Para Halbwachs (1990, p. 67), “A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ou lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar números dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.” O acervo fotográfico da família remete à conclusão que o tataravô, o bisavô e o avô materno de Cleonice viveram a experiência profissional de lavrador, que, conforme o dicionário Aurélio, seria aquele que lavra e cultiva a terra. Trata-se de um trabalho pouco reconhecido pelos governantes. Nele, os trabalhadores, mesmo livres, não eram visíveis perante a história. Há uma interpretação de que as histórias familiares remetem ao fato de que eram *faz-tudo*, especialmente ao se referir a construtores, mestres de obras, carpinteiros, pintores. Denota-se, dessa maneira, que lavrador pode ser considerado um nome genérico atribuído no registro daqueles homens sem escolarização e fazedores de tudo um pouco, na tradição familiar. Essa generalização se interrompe com a urbanização, nos idos dos anos 1970, quando, a partir dessa década, a adolescente Cleo vê seus tios e tias exercerem outros ofícios, como mecânicos, vendedores\vas, zeladores\vas.



Figura 02 – Sr. Bento José da Silva – Título de Eleitor de 1886 – Bisavô de Cleonice

Fonte: acervo familiar

Consta no Catálogo seletivo de documentos referentes aos africanos afrodescendentes livres e escravos em Curitiba, publicado em 2005, que a presença do negro na história paranaense foi muitas vezes negada por quem adotava uma postura de superioridade em relação a essa população. Não faltaram nem mesmo aqueles que desejavam, inclusive, promover o *branqueamento* do país, como certas vozes republicanas, por meio dos imigrantes fugidos das guerras e da fome na Europa e pela deportação dos africanos e seus descendentes para seu continente de origem.

Recentes trabalhos acadêmicos e pesquisas paranaenses revelam que o referido estado, ainda que em menor proporção que nas regiões Sudeste e Nordeste, foi o destino de grande quantidade de africanos forçados pela escravidão. Portanto, nota-se que o estado possuía estrutura escravista para absorvê-los<sup>3</sup>.

O mesmo catálogo registra que a proximidade geográfica do Paraná com regiões de maior densidade escravista propiciou o estabelecimento de muitos de seus remanescentes. Encontram-se, assim, comunidades em locais como o Alto Ribeira, Lapa, Tibagi, Ponta Grossa e Guarapuava, para citar algumas das regiões dos mais conhecidos quilombos no estado do Paraná. E se rarearam as populações de origem africana no Paraná tradicional, em outras regiões do estado, como o norte cafeeiro, no início do século XX, constituíram-se novas glebas de afrodescendentes, reafirmando a presença da raça na sociedade paranaense.

Com destaque na figura 03, a seguir, na certidão de óbito do Senhor Campolin de (o) Sá Camargo, tataravô de Cleonice, falecido aos 64 anos em 1908, pode se observar que o mesmo recebeu o sobrenome como símbolo de propriedade privada<sup>4</sup> de Antônio de Sá Camargo (1807-1896), o único Visconde de Guarapuava; em cujo espaço destinado no documento aos nomes de seu pai e de sua mãe, há uma lacuna, revelando que estes são pessoas não reconhecidas como tal, em obediência as leis escravocratas.

No terreno da família, supostamente um quilombo urbano, nasceram e viveram quatro gerações da família materna de Cleonice. Sua mãe, a senhora Eladir da Silva Fernandes, a Dona Didi, teve quatro filhos, três mulheres e um homem: Suzana Fernandes (in memorian), Sandro Luis Fernandes (mestre, escritor e historiador) e Denise de Fátima Fernandes (contadora). São eles pertencentes à quarta geração

3. O Brasil foi o último país das Américas que aboliu a escravatura, e certamente porque foi o que mais importou africanos – 46% de todos os negros trazidos forçadamente da África - 4,8 milhões vieram como escravos para o Brasil, muito mais que em qualquer outro lugar no mundo; nos EUA foram cerca de 10%. Historiadores justificam este fato devido a navegação BrasilÁfrica ser facilitada por um sistema de correntes e ventos marítimos, cuja viagem de ida e volta era 40% mais curta do que a dos navios vindos das Antilhas ou dos Estados Unidos, sendo que estes enfrentavam turbulências ao atravessar a zona equatorial; outro motivo seria o fato do Brasil favorecer a troca de escravos por tabaco e cachaça; além das conexões com os portos africanos, devido também ser colônia portuguesa na época, assim como boa parte daquele continente (ALENCASTRO, 2018).

4. Atente-se que os africanos que vieram escravizados eram considerados propriedade privada de seus algozes (ALENCASTRO, 2018).



de Campolim, os primeiros que adentraram e concluíram o Ensino Superior. Nesse momento, Cleonice rememora que durante sua trajetória acadêmica e profissional ela era por inúmeras vezes a única negra presente nos espaços afins que frequentava, incluindo Instituições de Ensino Superior (IES), bancos, viagens aéreas, lojas, hotéis, associações educacionais, o próprio Ministério da Educação (MEC), etc.

Neste mesmo âmbito ressaltamos a fala de Grada Kilomba, escritora lisboeta contemporânea, intelectual negra internacionalmente reconhecida, artista interdisciplinar, quando tornou-se psicóloga residente em psicanálise em Lisboa, ao longo de vários anos, na primeira década do século XXI: “fui a única estudante negra em todo departamento de psicologia e clínica em psicanálise. Nos hospitais onde trabalhei era comum ser confundida com a senhora da limpeza, e por vezes os pacientes recusavam-se a ser vistos por mim ou entrar na mesma sala e até ficar a sós comigo.” (KILOMBA, 2019, p.11).

Sobre esta invisibilidade das pessoas negras, trazemos a discussão de Djamilia Ribeiro, outra escritora negra, brasileira, contemporânea intelectual de renome nos meios acadêmicos e midiáticos:

(...) a situação é ainda mais grave para mulheres negras, que são muitas vezes destinadas ao subemprego: quantas físicas, biólogas, juízas, sociólogas, etc. estamos perdendo; Políticas que obrigam as empresas a pensar e criar ações antirracistas poderiam reverter este quadro (RIBEIRO, 2019, p. 58).

O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate político, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas (RIBEIRO, 2019, p. 58).



Figura 03 – Certidão de óbito de Campolim de Sá Camargo, tataravô de Cleonice

Fonte: acervo familiar

### 3 | PERCURSO ESCOLAR: UMA AUTONOMIA PRECOZE

Conforme fontes documentais, fica evidente que já na infância a menina Cleonice revelou talento e facilidade em obter êxito nos estudos. A depoente afirma que nunca teve dificuldade nos estudos e manifestou nos anos iniciais do antigo primário o pendor pela Matemática, área que norteou e definiu a sua identidade profissional até a vida adulta, no exercício do magistério. Nesse sentido, o primeiro boletim escolar demonstra êxito e traz notas máximas, como se observa a seguir:

O boletim escolar é dividido em duas partes principais. A esquerda contém informações pessoais e institucionais, e a direita apresenta os resultados acadêmicos.

**INTEGNATO «Cristo Redentor»**  
**BOLETIM**

Aluno: Cleonice Terezinha Fernandes  
Professora: Elizabeth Koppe  
Diretora: Rosalia Kunkel

Série 1ª 1977  
Guarapuava - Paraná

sinatura do Responsável

**EXAMES FINAIS**

Aritmética	100	100
Português	100	100
C. Gerais	-	-

**MÉDIAS**

Anual: 100  
De Exame: 100

Média de Aprovação: 100

Figura 04 – Boletim Escolar da aluna Cleonice

Fonte: acervo familiar

Esse documento refere-se ao primeiro ano primário, quando Cleonice atingiu nota máxima no Educandário Cristo Redentor, extinta escola que pertencia a Igreja Luterana, instituição religiosa ainda existente, e que fazia e ainda faz divisa com os fundos do terreno da família; a qual teria comprado de seus familiares, a referida área. Nesta oportunidade da conclusão do primeiro ano, Cleonice ganhou como prêmio seu primeiro quebra-cabeças, brinquedo até então desconhecido para ela.

O educandário ficava atrás da casa da minha avó, era uma escola luterana de imigrantes alemães. Fechou no fim daquele ano: 1971. Minha amada primeira professora foi Elizabeth Koppe. Vale registrar que ali eu era a única criança negra em toda escola, que abrigava geralmente crianças alemães e luteranas, como opção confessional dos progenitores. Aliás eu e meu tio Orlando, um ano mais velho que também estudava ali. Não me recordo de ter sofrido nenhum tipo de discriminação, ao contrário, era costumeiramente elogiada e incentivada na minha pequena veia poética, musical e teatral. Lembro-me da tristeza infinita que senti quando minha mãe me chamou para uma conversa no

final do ano de 1971 e me avisou que a escola fecharia. Foi um dia de luto...que talvez tenha me dado suporte para as inúmeras pequenas e grandes frustrações que viriam na vida afora. (A depoente, 2018).

Apreende-se que ela não estudava nas melhores escolas por ordem naturalizada nesta sociedade classista, entretanto acabou por frequentar a renomada Escola de Aplicação Visconde de Guarapuava, elevada a Colégio nos anos 1990, sobretudo pela oportunidade de residir na região central. Era um estabelecimento público de ensino que costumeiramente recebia as famílias de maior poder aquisitivo da cidade. Ali, frequentavam os filhos dos comerciantes, dos fazendeiros, dos profissionais liberais: *“Na escola que eu frequentava eu era neta da zeladora e depois as minhas tias também trabalharam lá. Naquele tempo, filhos de ricos estudavam em colégios públicos, quase não havia outros”*. Durante o período que compreende de 1972 a 1978, cursou do 2º ao 8º ano nessa escola pública, no centro da cidade.

Nas entrelinhas e nas teias da sua memória escolar, ficou evidente que o fato de se destacar na escola permitiu uma certa resiliência, destaque e respeito dos colegas, uma vez que havia por parte da menina a predisposição de colaborar com os integrantes do grupo social, gerando um nível de aceitabilidade e admiração. Relata que a vergonha lhe tomava a alma quando ouvia a bedel da escola em gritos dizendo: *“Tem algum aluno beneficiado aí?”* Por certo, a menina omitia o fato, temendo não ser digna de pertencer ao *seleto* grupo da sua sala de aula. Nesse espaço, não circulavam os pobres, mas sim a filha do dono da grande fábrica de papel da região, do mais famoso arquiteto, das donas das melhores lojas, da importadora, dos médicos, dos cartorários, dos empresários, do gerente e do advogado do Banco do Brasil, quase celebridades na então pequena cidade de 100.000 mil habitantes, naquele momento histórico. *“Pobres éramos apenas eu e mais duas colegas, sendo uma delas com deficiência física e usuária de cadeira.”* Enfatiza, ainda:

Então no Estado do Paraná por meio da FUNDEPAR havia bolsas nas escolas públicas, uma espécie de ajuda para os empobrecidos chamada de benefício: eu, portanto era “beneficiada”. Ficava tímida quando uma integrante da escola que era inspetora de pátio, a dona Clotilde entrava na sala e gritava na porta: tem algum “beneficiado” aí; eu ficava quietinha e escorregava da cadeira. Eles davam um kit de plástico azul, contendo canetas, caderno, com um selo azul enorme!! Eu não gostava certamente daquela marca, daquela identidade; também na altura não tinha clareza da vergonha que sentia de minha classe social e etnia. (A depoente, 2018).

Aluna aplicada, ela segue com êxito o Curso de Magistério, de 1979 a 1981, no antigo segundo grau no Colégio Estadual Francisco Carneiro Martins, concluído em 1981. Recorda, todavia, que seu desejo era ir para a Capital, Curitiba, graduar-se em Psicologia, um sonho distante já que não havia o curso na Faculdade, em Guarapuava, restrito apenas a algumas áreas de licenciaturas.





Figura 05 – Cleonice e as colegas de trabalho: Edialeda, e entre as irmãs Lígia e Rosélia

Fonte: acervo familiar

Na figura 5, observa-se a jovem senhora Cleonice, já casada e com 20 anos, a segunda da esquerda para a direita, em companhia de suas colegas professoras, também concursadas do Município de Guarapuava. A pose situa-se em frente à Escola *Hildegard Burjan*, que, em 1985, é inaugurada, sendo considerada uma escola *modelo*<sup>5</sup>, adjetivo atribuído para as escolas que apresentavam uma proposta que poderia destacar-se ou ser referência na área educacional. O Estabelecimento de Ensino ficava localizado na periferia, numa região denominada Morro Alto, que abrigava também o baixo meretrício e favelas circundantes, de onde derivavam grande parte dos alunos. A escola era conveniada com a Secretaria Municipal de Educação e com a obra social *Caritas Socialis*, cujo objetivo era procurar livrar do empobrecimento extremo e da fome as famílias de uma das regiões mais empobrecidas da cidade – perto da favela Toca da Onça. Para a comunidade local, junto ao projeto da escola e da Igreja, vieram com a *Caritas* o engajamento às atividades da Pastoral da Criança e as doações de casas populares para a vila São Luis. Conforme narra Cleonice:

A escola Hildegard foi minha verdadeira escola de formação; foi a primeira experiência pessoal e profissional com ensino “construtivista” na perspectiva do “aprendente”; ênfase ao trabalho de educação matemática, da formação continuada propiciada pela UEL- Dra. Regina de Buriasco; o que abriu portas para participar da formação no projeto “Crianças de Rua” (hoje em situação de risco) da UNESCO\ *Childhope* até o final dos anos 80. (A depoente, 2018).

5. Com a experiência derivada sobretudo da docência nessa escola modelo, para a qual foi convidada pela secretaria municipal de educação, Cleonice ganhou o 1º. lugar no VI Concurso Prêmio 15 de Outubro do MEC\edição de 1993, cujo tema era: O desafio da repetência na educação básica: proposta pedagógica para sua superação. A monografia proposta por Cleonice denomina-se Educação Para a Paz (MEC,1994).

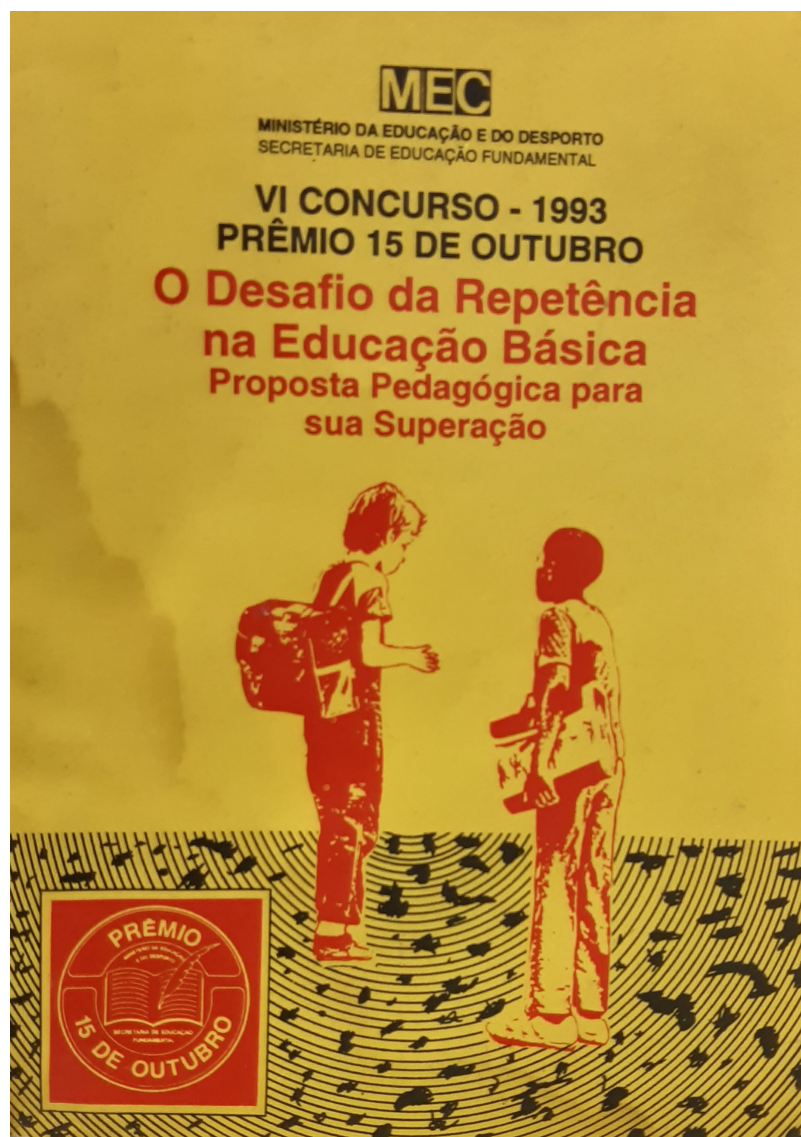


Figura 06 - Monografia Educação Para a Paz premiada pelo MEC no Concurso Dia do Professor\VI edição do ano de 1993

Fonte: arquivo pessoal

A seguir, a professora Cleonice prestou vestibular para Pedagogia, em 1981, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava (FAFIG), cuja nota alcançada consagrou o primeiro lugar geral; a IES cresceu tornando-se a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) em 1990. Em 1982, Cleonice transferiu-se para o curso de Matemática. Traçando uma linha do tempo, recupera o currículo:

Em 1984, acabei por me casar e sair da faculdade em seguida para “criar filhas” e conciliar com o ofício de professora primária. Voltei para matemática em 1991 até 1993 e saí novamente porque tive a terceira filha. Em 1999 retornei para universidade para cursar Biologia, cuja mudança de percurso foi primeiramente “acidental” e depois firmou-se como escolha. Em 2001 migrei para Mato Grosso por conjuntura profissional do marido e transferi o mesmo curso para a UFMT, concluindo a graduação em 2003. De 2001 a 2008 fui da CBS – Comissão Brasileira de Soroban<sup>6</sup> do MEC e daí com currículo e artigos publicados, pude

6. Nome japonês do ábaco, contador mecânico usado no Brasil para registrar os cálculos matemáticos para as pessoas com deficiência visual. Cleonice é coautora da primeira publicação do MEC sobre o material constante da

ser aceita para ir para doutorado direto em Portugal em 2009. Defendi em 2014; muito embora a tese estivesse concluída desde 2011, a demora ocorreu porque um dos pré-requisitos para ir para a defesa pública era ter dois artigos publicados em revistas de alto impacto. (A depoente, 2018).

#### 4 | TIMOR-LESTE, UM ENCONTRO COM A IDENTIDADE E A NEGRITUDE

A professora Cleonice Terezinha Fernandes esteve no Timor-Leste por duas vezes: na primeira, no início de 2005, quando integrou um grupo de 50 educadores brasileiros selecionados pela coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, num universo de 13 mil inscritos, sendo a única aprovada dentre os candidatos de Mato Grosso. Esse grupo elaborou o *Programa de Qualificação Docente em Língua Portuguesa no Timor Leste*. Nesse período, ela publicou um capítulo de um manual de orientação para o ensino de Matemática para crianças, solicitado e patrocinado pela UNICEF, em convênio com o governo de Timor-Leste, e ministrou oficinas para vários professores dessa disciplina. No Brasil, nessa época, publicou o livro – referido no rodapé 2 – de formação de conceitos aritméticos/matemáticos para inclusão, destinado especialmente a professores de alunos com necessidades especiais, fruto de 15 anos de suas andanças pelo Brasil ministrando oficinas de Educação Matemática voltada para a referida população. As lembranças do encontro de si, em Timor-Leste, trazem emoção imensa para Cleonice, onde, distante de seu país, pode reconceituar a sua forma de encarar a vida e a sua identidade como mulher negra. Essa questão fica evidenciada nos relatos seguintes:

Para mim, Timor-Leste, eu costumo dizer que foi o meu renascimento. Eu fico muito grata. Até me vem muita emoção... é difícil falar sem emoção. Timor significou um reencontro com a minha identidade, significou assim o mais profundo nível de autoconhecimento, porque eu vinha de uma história... Então pra começar que eu era a única de Mato Grosso havia uma outra colega do Paraná né, na altura, na missão de Timor, mas eu era, nós éramos duas negras em Timor, uma do Rio de Janeiro e eu. (A depoente, 2018).

Em Timor-Leste, Cleonice vivenciou situações em um lugar de sociabilidade e aceitação da sua maneira de ser e de agir. Conforme afirma, na convivência, naquele país, as fronteiras humanas eram rompidas com uma demonstração natural de aceitabilidade e respeito. A sua capacidade de comunicação e afeto conquistou pessoas das mais distintas posições sociais. Sentia muita receptividade por parte das pessoas que encontrava, conforme afirma:

Então, por exemplo, eu convivia com pessoas muito especiais, eu fui na casa do Ramos Horta que foi Nobel da paz, ele ganhou Nobel não sei em que ano. Eu fazia brigadeiro (em Timor descobri que era um doce tipicamente brasileiro) para a Nuria, filha do Mari Alkatiri, que era o primeiro ministro na altura, o presidente era

---

coleção Escola Inclusiva do órgão, em 2006.

o Xanana, salvo engano e... enfim, cada pessoa que eu me relacionava eu dizia olha, mas no Brasil eu sou pobre eu não sou tudo isso que vocês tão pensando! Como se eu não merecesse aquele tratamento e as pessoas me davam *feedback* e diziam “Cleo, mas o que você está falando? Você está ouvindo o que você está falando?” Então eu percebi lá que eu me media, que eu me aferia por baixo, por causa da pobreza! Eu não percebia primeiro que eu não era pobre, a educação que eu tive, a educação esmerada da minha família que não tinha escolaridade, mas que não era ignorante né, que tinha um conhecimento popular. (A depoente, 2018).

Segundo os relatos de Cleonice, a questão da negritude e da pobreza foi desenhando um perfil de si de forma inferior, muito em virtude do preconceito e dos estereótipos que recaem contra empobrecidos e negros no Brasil, excepcionalmente no Sul, devido ao reforço e à valorização da cultura europeia. A condição econômica refletia e interferia no conceito que construía da sua pessoa, e o fato de conviver com estigmas atribuídos por outros impedia que fizesse uma avaliação favorável da sua excelente atuação escolar. O embotamento repercutia uma situação de alteridade, principalmente se formos analisar a maneira como reconhecia o seu contexto e que anteriormente não conseguia encontrar nos próprios familiares atributos, talentos e competência. Após conviver em Timor-Leste, começa a reconhecer, por exemplo, o quanto foi bem-sucedida na escola.

Meu avô era pedreiro, meu avô era um construtor porque naquela época não havia engenheiros. Então a casa que ele construiu, as casas estão em pé até hoje, então eu não tinha essa noção, na verdade lá eu percebi que afinal eu era uma rainha, mas não é no sentido da arrogância sabe?! que eu tinha realmente valor. Então lá as pessoas, as primeiras pessoas que me davam esse *feedback*, eu dizia olha - como quem diz, eu estou enganando essa gente - olha eu sou pobre, eu sou negrinha, eu sou isso... eu tentava, as pessoas diziam “Cleo, que é isso, sabe?!” e então me davam esse retorno (A depoente, 2018).

Para refletir um pouco mais sobre esta ideia de reconstrução de si, trazemos a perspectiva contemporânea do racismo, da tese de Grada Kilomba, laureada com o título *Summa Cum Laude* na Alemanha exatamente por este texto, na ocasião do seu doutoramento há dez anos atrás:

(..) esta tese é uma forma de “tornar-me sujeito”, porque nesses escritos procuro exprimir a realidade psicológica do racismo cotidiano como me foi dito por mulheres negras, baseada em nossos relatos subjetivos, auto percepções e narrativas biográficas – na forma de episódios. Aqui nós estamos falando em nosso próprio nome e sobre nossa própria realidade, a partir de nossa perspectiva que tem (...) sido calada por muito tempo. (..) o processo de escrever é tanto uma questão relativa ao passado, quanto ao presente, (...) já que o racismo incorpora uma cronologia que é atemporal. Memórias da Plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “plantação” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada (KILOMBA, 2019, p.29).

Cleonice ao recontar sua história se reescreve e se reconstrói, e fala, finalmente em seu próprio nome.



Já em sua segunda vez no Timor-Leste, no ano de 2006, Cleonice iniciou um trabalho com jovens e mulheres na ilha de Ataúro, pequena ilha desse país, habitada por cerca de 12.000 pessoas, que sobrevivem basicamente do extrativismo, da agricultura e da pesca. Cabe salientar que recentemente foi eleita pela ONG *Conservation International* como “lugar que concentra a maior biodiversidade marinha do Planeta”. Na época, Cleonice recebeu um convite da Igreja Católica timorense, nas pessoas dos padres Luiz e Chico<sup>7</sup>, ambos italianos de nascimento, segundo eles próprios, brasileiros de coração, pois sentem-se filhos verdadeiros do país em que viveram por quase 40 anos em comunidades carentes paulistas e fortalezenses. O intuito era ela elaborar um programa de convivência e capacitações, incluindo atendimento às pessoas surdas, pois naquele país a pesca sem equipamentos provoca surdez, sobretudo nos homens, e há também marcações de hereditariedade, ou seja, havia mais de 50 pessoas surdas nessa comunidade, atingindo famílias inteiras. Esse projeto foi financiado por uma ONG ligada ao clero, e a escolha por Cleonice se deve à ligação que ela criou com a igreja no primeiro período em que esteve no Timor-Leste, morando e auxiliando a “madre” Rita, freira católica, da Pastoral da AIDS, e como facilitadora de oficinas de *Shantalla*, massagem para bebês, para a comunidade de Laleia, pela Pastoral da Criança, ONG brasileira que conhecera durante as formações da escola *Hildegard*, no início dos anos 1980, na qual militou por quase 20 anos<sup>8</sup>.

Em Ataúro, Cleonice coordenou oficinas de jovens e mulheres, montou a peça de teatro *Esha e Makura* - Romeu e Julieta à timorense; capacitou professores do ensino especial, apoiada por professores psicopedagogos cubanos que lá estavam, igualmente em missão oficial de seu país; iniciou o projeto Biojóias de Ataúro, levando um artista brasileiro financiado pela mesma ONG local; e depois começou o curso de bonecas<sup>9</sup>, o primeiro produto certificado de Timor-Leste, que goza de prestígio até o presente, com o apoio de duas amigas conhecidas no interior do Paraná, que eram do escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT-IOL), em Timor-Leste, e, claro, com o apoio incondicional dos padres Luís e Chico.

---

7. Disponível em: <http://www.crbnacional.org.br/site/lancamento-do-documentario-padres-de-atauro>. Acesso em: jan. 2019. Filme estreado em maio de 2018, com previsão de *turnê* mundial para exibir a história dos padres que mudaram a vida da pequena ilha de Ataúro, que, em 2006, Cleonice afirma que não possuía dinheiro circulando. O diretor do documentário é o brasileiro Cláudio Savaget, que foi por décadas diretor do Programa *Globo Ecologia*, tendo criado a obra com o diretor timorense Eddy Pinto.

8. Foi secretária do primeiro Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) existente no Brasil e revisou o também pioneiro diagnóstico da criança e adolescente em situação de risco no município de Guarapuava-PR, no início dos anos 90.

9. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W7I9I0sJUw8>; <http://bonecadeatauro.com/>. Acesso em: jan.2019



Figura 07 – Cleonice e sua filha primogênita Jeisa Fernandes Marcondes - na primeira Feira das Nações (1990), em Guarapuava\PR, na barraca da África

Fonte: acervo familiar

Sua atuação na área de educação especial começou em 1986, em Guarapuava-PR, quando assumiu, como professora na rede de ensino estadual, por meio de concurso público, no qual conquistou a maior nota do certame; com este vínculo até o começo de 2001, foi professora no Centro de Apoio Especializado ao Deficiente Visual (CAEDV). Em 2001, por motivações profissionais do esposo (na época, ainda era casada), trocou o Paraná por Cuiabá e passou a ensinar Braille e soroban no Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP), da Secretaria do Estado de Educação (SEDUC), no bairro Goiabeiras. Ali permaneceu até 2004, ano em que não mais conseguiu renovar sua permuta com o estado do Paraná; no final de 2004, inscreveu-se para esse trabalho no Timor-Leste. Aprovada pela CAPES, viajou para Dili, onde iniciou todas as suas atividades docentes e culturais. Seu papel de educadora foi reconhecido pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso, que lhe conferiu Moção de Aplauso, no dia 8 de março de 2006, data dedicada ao dia Internacional da Mulher.

Com o seu retorno ao Timor-Leste, a professora ajudou, portanto, a iniciar o trabalho pastoral na ilha de Ataúro, em destaque para a referida comunidade surda, e o fez no ano em que, sincronicamente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) escolheu para realizar a Campanha da Fraternidade, com o tema *Fraternidade e pessoas com deficiência*, tendo como lema *Levanta-te, vem para o meio*.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Mana Cleo**

*Você é uma daquelas almas,  
tal como a chama, que mesmo tirando o pau, a lenha  
o carvão, continua sempre a brilhar.  
És um gato que mesmo ao cair sabes que vai cair  
com todas as patas no chão.  
E tudo o que vem à tua frente não temes.  
És aquela pessoa que eu continuo a chamar amiga,  
não só! Mas, irmã.  
Por tudo que tocaste aqui no Timor não saiu ouro,  
mas vale mais que isso.  
Saudades todos temos. Nossa amizade continua.  
Só Deus sabe aonde vamos parar.  
Mas eu sei que um dia vamos nos encontrar.  
Hei-de te dar um grande abraço.  
Olhar para ti, e lembrar o curto tempo que passastes  
no meu país.  
Agradecer-te o amor por ele, porque aqui também  
deixaste a raiz.  
Teu amigo Careca João, Timor-Leste, 2005.*

Pode-se admitir que o poeta UCA, o João Martires<sup>10</sup>, de Timor-Leste, materializa em suas palavras o quão forte e expressiva é a professora Cleo Fernandes. Daí porque este estudo foi construído a partir da memória de sua caminhada, que denota a manifestação de um viver que supera as fronteiras humanas e as limitações impostas pelo preconceito e a discriminação e controle o seu conhecimento mirando no espelho de seus antepassados. Bravios homens e mulheres que ergueram as suas casas e alicerçaram a sobrevivência com resistência e garra em tempos insólitos que perpassam as amarras da escravidão.

Contrapondo a esse contexto, Cleonice se faz uma mensageira do conhecimento, dominando um aspecto de uma área que é considerada menos acessível, que é o saber matemático, e a partir desse saber, constrói a sua identidade profissional com métodos pedagógicos que se estendem para que sejam socializados entre aqueles que, de certa forma, necessitam de maiores suportes para avançar na escolarização.

Outra questão digna de registro é a versatilidade que ela possui para conviver com povos distantes, de outros países e outros costumes, seja nos países europeus, seja no Timor-Leste. Credita ali o seu principal encontro com a negritude e a retomada de suas raízes, ainda fincadas na história da sua família e na cidade de Guarapuava, localizada no interior do estado do Paraná. No discurso da depoente, fica nítida a importância das oportunidades para revelação do talentos das pessoas, de quaisquer origens e etnias; e também a consciência de que dentre tantas

10. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/joao-martires-b6376134>. Acesso em: jan. 2019



animosidades foi possível grandes conquistas para si; então podemos imaginar o alcance dos talentos humanos, caso houvesse mais igualdade social, ou seja, equidade nos pontos de partida.

Certamente sua história foi alterada pelo lugar de nascimento: o centro da cidade, lugar privilegiado, onde reside a elite e seus costumes, conforme afirma Cleonice. Porém, relata que esse lugar gerou conflitos em sua história, em seu percurso de formação da identidade, de pertencimento, pois lhe faltava a interlocução com seus pares, com seu coletivo de iguais. Esse espaço de contradição nada confortável, juntamente com quase 30 anos de terapia, lhe faz compreender e valorizar seu lugar de origem, o amado terreiro de seu avô materno, Sr. Setembrino, onde não havia de fato a pobreza que pensava existir, imaginário criado pretensamente pela industrialização do Brasil rural nos anos 1980. Um espaço quase campesino, onde galinhas e porquinhos povoavam sua infância de alimentos saudáveis e orgânicos, com a cristalina água do poço que, ainda pequena, ajudava a carregar em pequenos baldes, fato que não valorizava, na época, como importantes. Ressalte-se que esses princípios e suas práticas são hoje resgatados pela emergente área da permacultura<sup>11</sup>.

Cleonice educou-se, como diz Paulo Freire (1987), pelo trabalho e pelo respeito às letras do estudo, que lhe galgaram ascensão social, que, por força inconsciente de sua trajetória privilegiada em relação aos seus pares, não a fizeram perder suas raízes, de modo que pode estar, hoje, carregando consigo todo o potencial do despertar, como modelo afirmativo, para aqueles alunos, alunas e colegas descendentes de escravizados.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4., p. 5-26, jan./jun. 1998.

ALENCASTRO, Luis Felipe. Entrevista para a BBC Brasil em 13 de maio de 2018. **Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474> Acesso em: jan. 2019.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papiros, 1996.

Dicionário Ilustrado Tupi-guarani. **Sentido Etimológico da palavra Guarapuava**. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br>. Acesso em: 1º abr. 2018.

---

11. Cultura do permanente: Cleonice trouxe para Cuiabá, em 2007, o primeiro curso realizado na cidade com o tema. Os facilitadores foram dois bioarquitetos e permacultores que conheceu em Timor-Leste: Luis e Eliana. O curso foi patrocinado pelo escritório Arqsoft Arquitetura de Nicácio Lemes.

FERNANDES, Sandro Luis. Clube Social Rio Branco: retratos dos negros em Guarapuava. **ANAIS X Semana de História: História e Conflitos Contemporâneos**. Novembro 2015. UNICENTRO. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/semanadehistoria/pdf/xv2n1/5.pdf> Acesso em: jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALBWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JUNIOR, Renato Carneiro. **Catálogo seletivo de documentos referentes aos africanos e afrodescendentes livres e escravos**. Curitiba: SEEC/ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. (Tradução: Jess Oliveira). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto. Educação para a Paz. (Cleonice Terezinha Fernandes; p.9-38). In: **VI Concurso -1993 - O desafio da repetência na educação básica: proposta pedagógica para sua superação**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 15, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de; Cordeiro, VERBENA, Maria Rocha. Histórias a contrapelo: escritas de si, (auto)biografia e formação de leitores. COLLOQUE INTERNATIONAL (1986-2007). **Le biographique, laréflexivité et les temporalités- Articuler langues, cultures et formation**, Tours/ França, 25-27 jun. 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambiente Social 137, 174

Autobiografia 30, 33, 37, 77, 83, 89, 92, 103, 107, 108, 127, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251

Autoetnografia 80, 82, 83, 84, 85, 89, 105, 106, 108, 114

### B

Belmonte 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Biograma 39, 41, 42, 43, 44, 45

### C

caminho de formação 1

Cartas 33, 51, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 243

Condessa 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Consciência Histórica 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

### D

Desenvolvimento 2, 4, 7, 9, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 39, 40, 45, 46, 66, 68, 69, 70, 72, 89, 93, 112, 118, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 149, 150, 155, 159, 161, 162, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 199, 205, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 236, 239, 262, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 286, 287, 288, 297, 299, 302, 303, 305, 306, 315, 321, 322

Desenvolvimento Profissional 7, 15, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 40, 297

D. Pedro I 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

### E

Educação 8, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 37, 38, 46, 51, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 65, 69, 71, 73, 75, 77, 78, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 173, 175, 176, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 211, 212, 213, 223, 228, 234, 238, 239, 240, 243, 244, 247, 248, 249, 279, 280, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 323, 324

Educação Ambiental 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 161

Educação Básica 5, 6, 57, 65, 143, 145, 150, 153, 186, 190, 193, 194, 195, 199, 200, 213, 302, 309, 310, 312, 313

Engenharia Biomédica 39, 40, 46

Entrevista Narrativa 1

Espaço 2, 7, 8, 10, 11, 14, 18, 50, 51, 53, 56, 64, 70, 74, 77, 79, 81, 83, 86, 87, 93, 105, 110, 112, 113, 115, 118, 119, 120, 121, 124, 134, 135, 136, 137, 140, 142, 143, 145, 147, 149, 152, 174, 176, 182, 190, 234, 250, 251, 252, 271, 284, 317, 319, 322, 324

Ética 35, 114, 125, 127, 128, 129, 136, 138, 139, 140, 141, 145, 252, 285

Experiência 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 21, 28, 33, 47, 49, 52, 57, 69, 71, 74, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 100, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 149, 152, 156, 177, 183, 186, 201, 202, 215, 220, 241, 243, 250, 251, 258, 259, 262, 263, 267, 268, 282, 290, 309, 324

## F

Família 48, 49, 50, 52, 53, 55, 60, 63, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 88, 89, 95, 96, 98, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 123, 148, 165, 169, 176, 179, 181, 182, 184, 205, 206, 210, 211, 243, 251, 267, 274, 289

Formação Continuada 10, 12, 13, 15, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 57, 100, 146, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 310, 311, 312, 313, 314

Formação pessoal 116

Formação profissional 6, 11, 14, 19, 29, 100, 115, 116, 119, 120

## H

Habilidades 143, 146, 150, 157, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 184, 218, 233

História de vida 2, 26, 38, 47, 90, 91, 92, 103, 117, 131, 177, 184

## I

Identidade 3, 5, 6, 8, 13, 14, 22, 27, 28, 32, 48, 55, 56, 59, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 107, 118, 129, 136, 142, 205, 206, 207, 210, 212, 245, 246, 289, 291

Inteligência 168, 174, 175, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 269, 271, 273, 313, 323

Irmãs 57, 92, 96, 105, 113, 169

## L

Leitura de vida 47

## M

Memória 33, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 103, 110, 118, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 132, 141, 221, 224, 225, 247, 274, 288

Método 39, 41

## N

Narrativas 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 26, 27, 33, 37, 39, 41, 44, 45, 47, 49, 51, 60, 66, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 102, 105, 108, 109, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 137, 139, 140, 141, 201, 202, 203

## O

Objetivos 33, 36, 41, 71, 86, 90, 91, 92, 98, 99, 102, 103, 120, 125, 145, 148, 149, 150, 161, 195, 216, 219, 254, 260, 290, 295, 310, 316, 321, 322

Origem 51, 53, 64, 82, 89, 90, 91, 94, 105, 107, 109, 112, 113, 117, 132, 133, 143, 220, 223, 224, 225, 230, 235, 236, 271, 276, 283

## P

Pesquisa Narrativa 1, 2, 3, 8, 13, 14, 120, 126, 286, 288

Professor iniciante 15, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Projetos de vida 30, 34, 36

Projetos Interdisciplinares 143

## R

Racismo 47, 60, 65, 207, 210

Resiliência 47, 48, 56, 178

Robótica 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

## S

Socioeducação 30, 32

Sustentabilidade 141, 144, 154, 155, 157, 160, 161, 162, 185

## T

Tempo 2, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 41, 43, 47, 48, 52, 56, 58, 60, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 83, 84, 87, 92, 93, 95, 96, 100, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 120, 123, 130, 133, 134, 140, 142, 149, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 177, 178, 182, 183, 189, 209, 210, 216, 219, 228, 233, 240, 243, 246, 247, 250, 251, 256, 258, 259, 265, 268, 272, 275, 276, 280, 281, 282, 284, 285, 307, 316, 317

Trajectoria docente 39

## V

valores humanos 32, 127, 137, 141

Valores Humanos 30

VALORES HUMANOS 137

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**